

Viera contratado por cinco anos, armara o material em sua casa: uma prensa portátil, uma prensa grande, uma caixa com setenta e cinco folhas de zinco, dois caixilhos de ferro, quatro rolos, três peneiras, duas pedras mármore, papel, tinta, água-forte, etc. Findo o contrato de Steiman, ficou em seu lugar Carlos Abelée, substituído, depois, por Pedro Victor Larée que, em 1835, se estabeleceu por conta própria. Estevão Leão Borroul, entretanto, opina que já em 1809 e 1810 havia, na Bahia e em Olinda, artistas litógrafos, e dá a primazia, no Rio, não a Steiman, mas a Hercules Florence, que teria feito, em 1825, para a tipografia de Seignot Plancher, fundador do *Jornal do Comércio*, adiante, vários trabalhos gravados sobre pedra, em janeiro, e, no fim de 1825, em S. Paulo, outros inclusive retratos, embora com deficiência de meios. Depois de Steiman, informa Melo Moraes, apareceu Louis Aleixo Boulanger, que inaugurou seu estabelecimento em 15 de agosto de 1829. O uso da litografia era restrito, assim, praticamente desconhecida a xilografia. Em 1837, estava também estabelecido no Rio com litografia Frederico Guilherme Briggs. A caricatura apareceu, no Brasil, primeiro em avulsos: só em 1844 surgiria a primeira publicação periódica ilustrada com desenhos humorísticos. Era já outra fase da imprensa brasileira, como veremos. Na fase a que nos referimos, suas técnicas evoluíram muito lentamente. E os estrangeiros tiveram, nessa evolução, papel pioneiro, sem a menor dúvida, e isso foi perfeitamente natural.

Um dos problemas mais importantes de que trataria a Assembléia Legislativa foi o da fundação dos cursos jurídicos, que teriam grande influência no desenvolvimento da cultura, das lutas políticas e da imprensa. Quando se cogitou da sede desses cursos — Rio ou S. Paulo — Aires do Casal opinou por esta última cidade, aduzindo curiosa razão: ali, provavelmente, “os insetos danificariam menos as bibliotecas”. Mas só havia ali duas, segundo Martius: a do convento dos Carmelitas e a do “venerando bispo”. Koster observaria que o único recurso para se conseguir livros, nos portos brasileiros, era o contrabando, tamanhas as dificuldades opostas a esse desejo. Fora criada, em S. Paulo, entretanto, em 1825, pelo presidente provisório daquela província, a Biblioteca Pública, com os livros que haviam pertencido ao bispo D. Mateus Pereira, mais os que haviam pertencido aos Franciscanos, os 600 doados pelo tenente-general Rendon e a coleção do desembargador Chichorro da Gama. Aquela biblioteca funcionava junto do convento dos Franciscanos e foi anexada, em 1827, à Faculdade de Direito. Kidder visitou-a, em 1837, informando que tinha 7000 volumes, mas poucos de Direito e Literatura, muitos de Teologia “ainda não lidos e que certamente jamais o seriam”. O *Ensaio de um Quadro Esta-*